

UM FEMINISMO EXEMPLAR: A VIDA ÉTICA DE SIMONE DE BEAUVOIR

VINTGES, Karen. *Un féminisme exemplaire: la vie éthique de Simone de Beauvoir*. In: JEANNELLE, Jean-Louis; LECARME-TABONE, Éliane (Org.). **Cahier de L'Herne: Simone de Beauvoir**. Paris: Éditions de L'Herne, 2012. p. 310-315.

Paulo Sartori *

Em tempos de uma notável dispersão da discussão acerca das questões de gênero e da mulher, talvez uma das mais vastas já vistas tanto em âmbito conceitual quanto na atuação da militância, é preponderante para a compreensão desse fenômeno considerar a fragmentação a que o mundo pós-moderno se submete. Em seu curto, porém densíssimo artigo *Un féminisme exemplaire*, publicado na edição sobre Simone de Beauvoir do *Cahier de l'Herne* (2012) inédito em português, a filósofa holandesa Karen Vintges considera que o desmantelo globalizado sintomático do pós-modernismo caracteriza igualmente os movimentos de emancipação, dentre eles o feminismo:

Les féministes se sont donc divisées; dès lors qu'elles ne partagent plus les mêmes positions ni, surtout, le même concept de personne – de 'personne libre' –, elles se sont vues confrontées à d'inextricables incertitudes tactiques.¹
(VINTGES, 2012, p. 310)

Para a autora, os conceitos beauvoirianos de "ética vivida" (*éthique vécue*) e de "pessoa livre" (*personne libre*) podem contribuir para a resolução do desarranjo apontado por ela. Vintges faz em seu artigo uma abordagem rica e precisa do posicionamento ético de Beauvoir, constrói sobre ele uma crítica que funda o caráter de sua própria proposta e

* Graduado em filosofia pela PUCMINAS. Bolsista de Pesquisa FIP de 2010-2013. Músico, tradutor.

¹ Tradução livre: "As feministas, portanto, se dividem; posto que não compartilham mais das mesmas posições e nem, sobretudo, do mesmo conceito de pessoa – de 'pessoa livre' –, elas se veem confrontadas a incertezas táticas inextricáveis".

evoca, ao final, a "questão do véu" no islamismo, ponto de conflito bastante ilustrativo da polarização das feministas. O texto se divide em cinco partes, que abordaremos aqui mantendo sua ordem e seus títulos.

1. A VIDA ÉTICA

Em um primeiro momento, a resenha apresenta os pilares conceituais da ética beauvoiriana. A autora afirma que Beauvoir, como Sartre, propugnava a noção de que todo indivíduo é livre. A liberdade é, para os dois, tanto a liberdade da consciência como a liberdade sobre o corpo encarnado, através do qual somos e estamos no mundo. Essa "ambiguidade da condição humana", conceito trabalhado por Beauvoir em seu ensaio *Por uma moral da ambiguidade* (1947), remonta necessariamente à questão da liberdade, pois a dicotomia entre corpo e consciência impõe o problema da síntese dessas categorias, a "conversão ética": aceitar-se livre e se engajar em projetos de ação no mundo compartilhado – condição que Beauvoir denomina "consciência encarnada", a uma só vez uma preocupação com as dimensões do indivíduo e da alteridade. Porém, à diferença de seu parceiro existencialista, interessa à francesa uma forma de resolução dos conflitos entre consciências, à semelhança de Hegel. Mas, se Hegel buscava a resolução última de todos os conflitos, Beauvoir entende que a separação entre o "eu" e os "outros" é irresolúvel e a conversão ética almejada implica uma prática intermitente de deliberação – circunstancial, por excelência.

Il s'agit de renoncer à la croyance en des valeurs absolues ou universelles, pour reconnaître que toute décision morale est contingente, qu'elle n'est pas neutre, mais s'inscrit dans une situation concrète et propre à chacun d'entre nous.² (VINTGES, 2012, p. 311)

Se a ética kantiana associa liberdade e autonomia para postular o dever racional de se submeter indiscriminadamente às leis morais a despeito de todas as nuances da vida,

² Tradução livre: "Trata-se de renunciar à crença em valores absolutos ou universais para reconhecer que toda decisão moral é contingente, que não é neutra, mas está, antes, circunscrita em uma situação concreta e própria a cada um de nós".

Beauvoir, por sua vez, pensa a liberdade como resultado desse trabalho ético contínuo e concreto que Vintges chama de "formação ética de si" (VINTGES, 2012, p. 311).

2. A ÉTICA COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Em seguida, Vintges relaciona o posicionamento ético de Beauvoir às concepções de Pierre Hadot e Michel Foucault, já renunciando a defesa que fará do real alcance da ética beauvoiriana. Conforme Vintges, a ideia de "consciência encarnada" encontra respaldo histórico nos "exercícios espirituais" que Hadot identifica na filosofia antiga, que corresponderiam a uma maneira de viver. Foucault, inspirado por Hadot, define a ética antiga como "práticas de liberdade" e "estética da existência" (VINTGES, 2012, p. 312). Posto que não se trata de uma submissão a condutas morais idealizadas, o pensamento ético antigo que o filósofo francês retoma determina um espaço de invenção de si ético cuja dinâmica implica em uma crítica às mais diversas formas de dominação. Para ele, essa invenção de si não parte do vazio, mas da experiência de uma dada cultura que sugere um vocabulário ético, permitindo a formação de um *ethos* pessoal no contexto coletivo (VINTGES, 2012, p. 312); há, portanto, uma limitação da liberdade, mas que não corresponde ao cerceamento irrestrito da submissão a regras universais.

Com base nisso, a autora estabelece seis critérios que endossam a vida ética: projeto de vida; reflexão; prática de exercícios; formação ética de uma maneira de viver; invenção de si por meio de vocabulários éticos; crítica da dominação (VINTGES, 2012, p. 312). A ética de Beauvoir contempla todos esses critérios, pois que une os termos conceituais à prática efetiva da liberdade, a que a própria Beauvoir adere em sua vida pessoal³: a "arte de viver"⁴, conceito muito semelhante à estética da existência foucaultiana. Ao fazê-lo, Beauvoir prova que também as mulheres se inserem nas práticas da liberdade, ideia que defende em *O Segundo Sexo* (1949).

³ Infelizmente, Vintges se furta da argumentação aprofundada sobre a prática ética pessoal de Beauvoir, apontando que já o fez em outro texto de sua autoria: *Philosophy as Passion. The Thinking of Simone de Beauvoir* (1996).

⁴ Nomenclatura retirada por Vintges do romance *Os Mandarins* (1954), de Simone de Beauvoir, que designa esse tipo de vida ética.

3. A SUBJETIVIDADE DAS MULHERES NA HISTÓRIA

Tendo em vista o problema epistemológico da concepção *a priori* da ética, em *O Segundo Sexo* Beauvoir estende sua crítica a todos os sistemas teóricos que buscam explicar o binômio homem-mulher em termos universais, assumindo uma análise fenomenológica que *situa* a questão das mulheres, aliando seu desenvolvimento às contingências e circunstâncias históricas. Vintges ressalta que Beauvoir propõe uma leitura "gendrificada" da história e se apropria da dialética do senhor e do escravo hegeliana para a caracterização da relação *homem x mulher*, afirmando que a mulher assume, historicamente, um papel de "ser relativo", não existente senão em relação ao homem; logo, o papel do Outro da cultura. Por essa razão, apenas a assunção dos dois versos da ambiguidade por parte de homens e mulheres pode promover mudanças substanciais (VINTGES, 2012, p. 313).

4. POR UMA ABORDAGEM HISTÓRICA MAIS RADICAL

Vintges crê que a postura de Beauvoir em *O Segundo Sexo* é por demais otimista e parcial. Para ela, ao assumir a leitura fenomenológica da submissão da mulher, Beauvoir instaura um binômio ontológico não falseável⁵, universal e homogêneo, incapaz de abarcar todas as manifestações de emancipação das mulheres. A autora diz que Beauvoir não errou ao analisar os "esquemas" da opressão feminina na história, mas eles não devem ser entendidos como postulados ontológicos, mas como resultados de uma pesquisa sócio-histórica (VINTGES, 2012, p. 313).

Ao fazer tal afirmação, Vintges reivindica um ponto de vista histórico mais radical e se introduz de maneira mais contundente como intérprete no texto: se se pensa na vida e obra de Beauvoir, vê-se que ela trata a questão das mulheres de forma mais complexa do que sendo apenas o problema do "ser relativo", tendo sido ela mesma, em um dado

⁵ A autora retoma o princípio de falseabilidade proposto por Karl Popper e a crítica do filósofo austríaco ao marxismo e a todas as teorias hegelianas para engrossar sua crítica à abordagem de Beauvoir.

momento, uma mulher submetida ao estereótipo da "moça bem comportada" e transgredido tal paradigma (VINTGES, p. 314).

5. PLURALISMO CULTURAL

Ao chegar, por fim, à "questão do véu" que anuncia no início do artigo, a autora revela logo o que lhe parece ser a grande contribuição beauvoiriana ao problema da fragmentação pós-moderna: "(...) le concept de vie éthique comme pratique de liberté et art de vivre est culturellement pluriel"⁶ (VINTGES, 2012, p. 314). A abertura fundante da percepção ética de Beauvoir é capaz de transpor as fronteiras culturais entre ocidente e oriente e, por meios próprios a cada vocabulário ético, transgredir as relações de dominação, recolocando a mulher na posição de sujeito. Os exemplos escolhidos revelam a viabilidade da criação de caminhos emancipatórios alternativos aos ocidentais. Vintges cita líderes espirituais muçulmanas que, por meio do discurso não "gendrificado" do sufismo⁷, problematizam a suposta essência doméstica da mulher; cita também a ressignificação do véu elaborada pelas mulheres muçulmanas que o transforma em elemento de emancipação, dando-lhes acesso à vida pública sem que se subjuguem à "gendrificação" da oposição *público x privado* ou mesmo simbolizando a subversão da norma ao ser transformado em acessório estético (VINTGES, 2012, p. 314).

A bandeira levantada pela autora ao final de seu artigo coroa a coerência de sua apologia: despojando-se da violência de impor conceitos advindos de vocabulários específicos a culturas que não partilham deles, pode-se lograr a formação de uma coalisão feminista transcultural, que muito mais pode fazer pelo movimento emancipatório das mulheres do que se perder nas certezas do corolário do discurso dos "conquistadores".

⁶ Tradução livre: "(...) o conceito de vida ética como prática de liberdade e arte de viver é culturalmente plural. A prática de uma ética relativamente autônoma é própria a diferentes sistemas morais".

⁷ Corrente contemplativa do islamismo.